

## Recensões

**Andrea Mariana Navarro, *Ciudades de Andalucía: paisajes e imágenes. Siglos XIII-XVII*, Madrid, Comité Español de Ciencias Históricas / Editorial Dykinson, 2017, 402 p.**

Andrea Mariana Navarro é professora de História Medieval nas Universidades Nacionais de Tucumán e Salta, na Argentina, tendo realizado o seu percurso académico na Universidad Nacional de Tucumán e na Universidad Complutense de Madrid. Entre a sua atividade científica, destaca-se a participação em diversos projetos de investigação e um conjunto de publicações em torno, sobretudo, do culto da Virgem, dos santos e das relíquias, bem como sobre as relações que se podem estabelecer entre estes fenómenos e o imaginário urbano das cidades andaluzas. A obra que agora se procura recensear corresponde, no essencial, à sua tese de doutoramento, apresentada à Universidad Complutense de Madrid e orientada por Miguel Angel Ladero Quesada.

O presente estudo centra-se, geograficamente, nas cidades de Sevilha, Carmona, Jerez de la Frontera e Écija, no reino de Sevilha; Jaén, Úbeda, Baeza e Andújar, no reino de Jaén; e Córdova, capital do respetivo reino. Cronologicamente, baliza-se entre os séculos XIII e XVII. A história social e a história das mentalidades norteiam esta história urbana, privilegiando-se a interpretação das representações e imaginário destas vilas e cidades, ao mesmo tempo que se estabelecem as diferenças entre o que seria a cidade ideal – cuja imagem se encontra veiculada em muitas das fontes privilegiadas pela autora, de que são exemplo as histórias urbanas ou as vistas das cidades – e a cidade real, caracterizada em relatos de viajantes e explorada no conteúdo de posturas municipais.

Procurando conduzir o leitor num trajeto que se inicia a partir do exterior da cidade até ao seu interior, mergulhando, progressivamente, no centro urbano, o estudo encontra-se estruturado em três partes dedicadas, respetivamente, ao *espacio exterior de las ciudades*, ao *espacio urbano intramuros* e à *cultura*

*religiosa e identidade urbana*, organizadas em quatro capítulos. A primeira parte, dedicada ao termo da cidade, está dividida em dois capítulos, versando o primeiro sobre as imagens da cidade e o seu território e o segundo sobre as imagens da cidade-fortaleza. A cada uma das restantes partes corresponde um outro capítulo, sendo o da segunda relativo à nova imagem urbana, dando conta do processo de transformação da “cidade medieval” em “cidade moderna”, e o da terceira ao imaginário urbano e à topografia eclesiástica e hagiográfica.

O primeiro capítulo, *Imágenes de la ciudad y su territorio*, encontra-se subdividido em cinco pontos. Primeiro, dá-se conta da formação dos termos concelhios e, em seguida, analisam-se as relações de domínio que as cidades estabelecem sobre o território. Depois, o prisma de análise desloca-se para outras relações de âmbito jurisdicional, nomeadamente, no que diz respeito aos senhorios laicos e eclesiásticos, dando especial ênfase ao processo de senhorialização de que a Andaluzia foi palco até ao reinado dos Reis Católicos. Considerando-se a formação do termo e os processos de alargamento ou fragmentação de que são alvo, a autora inicia a descrição dessas áreas, recorrendo, principalmente, a três tipos de fontes: as histórias urbanas, os relatos de viajantes e a iconografia. Enfatiza-se a tradição clássica das descrições contidas na historiografia urbana, tradutoras de numerosos mitos e lendas, contrapostas aos relatos de viajantes, espanhóis e estrangeiros, frequentemente muito mais realistas. Procurando tecer um quadro descritivo do espaço rural dominado pela cidade, a autora prossegue a análise com a caracterização das paisagens agrárias e a organização dos espaços rurais, dando um destaque particular às dicotómicas imagens transmitidas acerca dos rios, os quais tanto podem causar benefícios, como prejuízos aos núcleos urbanos. O capítulo encerra com a observação e interpretação de um conjunto de 20 vistas urbanas que, baseando-se, essencialmente, nos mesmos tópicos das descrições clássicas e medievais, corroboram a existência de um sistema espacial cidade-campo.

O capítulo seguinte, dedicado às *Imágenes de la ciudad fortaleza*, abre com questões relativas à materialização da defesa e do domínio territorial, destacando-se, nesse processo, a importância das fortificações (alcáceres, castelos, recintos amuralhados, torres, atalaias) enquanto marcas físicas de separação entre duas sociedades, a cristã e a muçulmana. Atenta-se, de seguida, nos aspetos simbólicos das muralhas, nas vertentes política, económica e militar, passando depois ao estudo dos processos de financiamento, reconstrução e conservação dessas estruturas ao longo do tempo em que tiveram utilidade material, até ao progressivo estado de abandono e ruína de que todas padeceram, culminando, não raras vezes, no seu desaparecimento. As portas das muralhas são alvo de um investimento especial, destacando-se, nesta deriva, uma vez mais, os

aspectos simbólicos, económicos e políticos que lhes estão associados. De facto, não obstante a progressiva desatualização das muralhas enquanto elementos defensivos, as suas portas – pontos privilegiados para as comunicações, o controlo policial e sanitário e a fiscalização da função económica – são alvo de um empenho crescente por parte das autoridades, dotando-as de uma maior monumentalidade e ornamentação, assemelhando-as, muitas vezes, a arcos de triunfo, palcos privilegiados para a utilização política e a teatralização do poder, como, exemplarmente, acontecia com as cerimónias de entradas régias. A par destas, os alcáceres possuem também um importante papel simbólico, representando o poder e a autoridade da Monarquia, assistindo, como os demais elementos militares, a uma reconfiguração funcional, assumindo, sobretudo, um carácter residencial. O capítulo termina, à semelhança do anterior, com a análise de um conjunto de gravuras com vistas urbanas, nas quais se privilegia a imagem de cidade-fortaleza.

O capítulo três, intitulado *La nueva imagen urbana: de la “ciudad medieval” a la “ciudad moderna”*, encontra-se dividido em três pontos, dedicados ao processo de urbanização, ao espaço público e ao espaço privado. No que toca ao processo de urbanização, a autora evidencia de que forma o espaço urbano andaluz se forma a partir de três matrizes distintas: a clássica, a islâmica e a hispano-cristã. Destacam-se os processos de construção, principalmente no que diz respeito à sua regulamentação por parte das autoridades municipais; à relevância assumida pelos edifícios públicos, maioritariamente religiosos, no urbanismo da cidade; à importância da revalorização do passado romano no urbanismo e na arquitetura, por contraponto com o passado islâmico. Relativamente aos espaços públicos, tem-se em especial atenção as questões relacionadas com as preocupações urbanísticas e o controlo efetuado pelas autoridades municipais. Nesse âmbito, abordam-se temas relacionados com o traçado das principais vias e ruas, atendendo aos problemas de circulação e/ou de pavimentação; sublinha-se o processo de criação e reforma das praças; os mecanismos de limpeza e higiene urbana, bem como o abastecimento e aproveitamento de água e; por fim, a organização e regulamentação de mercados e portos sem que, contudo, a autora desenvolva pormenorizadamente cada um destes aspectos, limitando-se a elencar um conjunto de práticas e preocupações urbanísticas. No espaço privado, consideram-se, essencialmente, os lugares de habitação das elites sociais, sobretudo os palácios urbanos que, dominando e subordinando determinada rua, contribuem grandemente para a configuração geral, embelezamento e nobreza da cidade.

O último capítulo versa sobre o *imaginario urbano*, sobretudo ao nível da *topografía eclesiástica y religiosa*, uma vez que o conjunto de fenómenos

religiosos teve um papel preponderante na construção da imagem e na definição da cidade medieval e moderna. Nesse sentido, a religiosidade manifestou-se a nível espacial e o cristianismo deu forma à paisagem urbana. Introdutoriamente, estabelece-se a geografia diocesana e descrevem-se as características mais marcantes das catedrais, sistematicamente assinaladas como elementos referenciais para e da cidade. Apontam-se os pontos das redes paroquial, conventual e monástica, bem como a existência de capelas funerárias e de instituições assistenciais, como hospitais e confrarias. No ponto seguinte, dedicado ao *patronazgo de los santos*, os santos são identificados como elementos *vertebradores* da comunidade urbana. Sendo “símbolos de identidade”, tornam-se instrumentos de coesão da comunidade urbana, ao mesmo tempo que, inscritos numa sociedade de fronteira, ganham um importante papel como símbolo identitário e protetor face ao inimigo. Considerando-se a presença de santos e mártires como um elemento significativo para honrar as cidades, a autora prossegue com uma chamada de atenção para a importância do culto das relíquias e respetivos relatos de *inventio e traslatio*. Na mesma linha, insere-se a importância das imagens da Virgem, às quais se atribuem numerosos milagres. O capítulo encerra com a observação da relação iconográfica que tantas vezes se estabelece entre a representação da Virgem, ou de determinado santo, e a vista da cidade que tem o encargo de proteger.

A presente obra, baseando-se num conceito polissémico de imagem, utiliza um conjunto de fontes de diferente natureza que permitem a apreensão de um conjunto de imagens produzidas por diferentes atores e com diversas finalidades. Assim, se os autores das histórias urbanas, herdeiros da tradição clássica, se pautam por evidentes fins políticos e propagandísticos, os relatos de viajantes, pelo contrário, desenvolvendo muitas vezes tópicos coincidentes com os primeiros, têm uma visão muito menos comprometida da cidade, tendendo para uma descrição mais real e, por conseguinte, menos idealizada, do espaço urbano. Mais próximas da realidade se tornam ainda as imagens da cidade veiculadas pelo conjunto da legislação municipal, principalmente pelas posturas municipais, que transmitem a realidade urbana no bulício do quotidiano, incidindo no cerne dos principais problemas da cidade.

Fator de valorização desta obra é também a larga utilização de fontes de natureza iconográfica, opção que nem sempre se toma em trabalhos de natureza historiográfica mas que, entre o idealizado e o real, vem grandemente enriquecer as “imagens” da cidade que se procura transmitir. Não obstante, o critério utilizado, isto é, o da apresentação das vistas de cada cidade, de modo autónomo, não permite ter uma leitura diacrónica e sincrónica imediata da

realidade urbana analisada. Se se tivesse optado por uma apresentação de tipo cronológico, poderia ter-se analisado o grau de fiabilidade de cada uma das representações, o que, em abono da verdade, embora enunciado no início, acaba por não ser levado em consideração.

A autora opta por uma organização que pretende levar o leitor, como já deixámos expresso, desde o exterior ao interior do espaço urbano. Nesse sentido, na primeira parte opta por analisar, *grosso modo*, o espaço rural do termo de cada cidade, assumindo que cada uma delas é constituída pela urbe e pelo seu termo. Apesar disso, ressalva, e bem, o facto de toda a representação urbana, no período abrangido por este estudo, ter investido numa imagem ideal composta por um espaço fechado por um recinto amuralhado. Na segunda parte, realça esta dicotomia entre uma visão idealizada e utópica, difundida por cronistas e historiadores urbanos, e uma outra, porventura mais real e concreta, apresentada por viajantes e autoridades municipais. Ainda assim, tratando-se de um estudo que abrange um conjunto de nove centros urbanos, ficam por estabelecer as relações comparativas entre eles, apresentando-se, quase sempre, isoladamente, os elementos de cada uma das cidades, sem que haja lugar a uma visão sistémica destes processos urbanísticos.

Na terceira parte assume-se mais claramente a dimensão de história das mentalidades que esta obra pretende explorar, dando-se, genericamente, conta da religiosidade dos habitantes da cidade. Ainda assim, compreendendo-se a opção por esta incursão, dado o percurso académico da autora, o carácter optativo deste campo não fica totalmente clarificado na introdução, acabando por não se justificar a sua escolha face a outras que teriam sido possíveis, uma vez que só de modo lateral se vem relacionar com as duas partes anteriores, criando uma nota de dissonância para a compreensão global da obra. Neste ponto, embora um dos subcapítulos seja dedicado às redes paroquial, conventual e monástica, a verdade é que nenhuma delas chega realmente a ser explicada, apenas se elencando os templos e, muito sumariamente, as razões para as suas fundações.

Ao longo de todo o estudo, sobressai uma grande ausência limitadora de qualquer compreensão de quaisquer fenómenos urbanos: a autora nunca recorre à cartografia nem à fotografia, limitando-se às vistas proporcionadas pela pintura e gravura pautadas por diferentes objetivos e funções. Por outro lado, ao contrário do que é recomendado, a autora opta por apresentar apenas algumas hipóteses explicativas em sede de conclusão, omitindo-as no desenvolvimento do estudo, como acontece, por exemplo, com as lançadas em torno do elevado número de notícias do aparecimento de imagens da Virgem. Não obstante, o presente estudo, alicerçado em fontes de diferente natureza,

apresenta-se como uma mais-valia por permitir a consulta de uma síntese dedicada à história de nove centros urbanos andaluzes, destacando-se pelas potencialidades que pode veicular na realização de outros estudos de história urbana, sobretudo social e das mentalidades, dedicados a outras regiões.

RODOLFO PETRONILHO FEIO

Colaborador do CHSC-UC

rodolfonfeio@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3364-5465>